

NOTA PRELIMINAR SÔBRE A INDÚSTRIA LÍTICA DA FASE TERRA RONCA

Pesquisas parcialmente subvencionadas pelo CNPq

ALFREDO A. C.MENDONÇA DE SOUZA

ILUSKA SIMONSEN

ACARY DE PASSOS OLIVEIRA

A fase arqueológica mais antiga, até agora identificada na área da bacia do Paranã, é a fase Cocal, a qual foi descrita, originalmente por SIMONSEN (1975,1976) a partir das indústrias líticas que localizou na área das nascentes do rio Maranhão, um dos formadores do Tocantins, na borda sudoeste da Chapada dos Veadeiros, região onde foram encontrados, em 1980, dois sítios desta fase, já na área de influência do rio Paranã.

Não existem datações disponíveis, mas, pela tipologia, a fase é correlacionada à fase Paranaíba, ocupando o mesmo tipo de paleoambiente. Os sítios são oficinas líticas abertas, associadas a grutas e abrigos calcários. Os artefatos líticos foram lascados por percussão direta, sobre jaspe (predominante), sílex, quartzo e calcedônia, sobre lascas espessas e grandes, com retoques diretos, sendo, geralmente, plano-convexos. Estão presentes lesmas, raspadores (terminais, laterais, periféricos), plainas, ferramentas denticuladas, facas, bicos, furadores, artefatos polivalentes e raras pontas de arremesso. A tecnologia da pedra está plenamente desenvolvida. Não há referências sobre a indústria óssea, restos alimentares e sepultamentos e parece não haver associação com pinturas rupestres ou petroglifos.

A dificuldade maior para o estudo destes sítios, é o de se constituírem, unicamente, de oficinas líticas, a céu aberto, assentando diretamente sobre litossolos (filitos), portanto, sem estratos arqueológicos, e sem a possibilidade de preservação de outros tipos de materiais. Aparentemente trata-se de uma fase de caçadores, com a presença de pontas de arremesso de talhe bifacial, triangulares, com pedúnculos e aletas, algumas de grandes dimensões (até 12cm).

A fase Paranaíba, à qual correlaciona-se a fase Cocal, e que desta diverge por estar presente unicamente em sítios cobertos, foi descrita por BARBOSA e SCHMITZ (1976, 1977, 1981, 1982), e ocupa ampla área nas bacias dos rios Verde e Paranaíba, formadores do Paranã, no sudoeste de Goiás, atingindo a bacia do rio das Almas, afluente do Maranhão, formador do Tocantins, abran-

gendo um período de tempo que vai de  $10.750 \pm 300$  até  $8.740 \pm 90$  aP. O clima para este período e nesta área, foi inicialmente frio e seco, tornando-se ligeiramente mais quente e úmido ao final. Para o planalto do rio Verde e áreas elevadas próximas, com altitude média de 700m, a cobertura vegetal era de cerrados.

SCHMITZ e BARBOSA, filiaram a fase Paranaíba à Tradição Itaparica, que criaram em homenagem à fase homônima, descrita por CALDERÓN (1968).

A segunda cultura, em termos cronológicos, a ocupar a região, foi designada Fase Paranã, tendo sido descrita por MENDONÇA DE SOUZA, com base nas escavações sistemáticas desenvolvidas entre 1975 e 1977, em 25 grutas da Lapa da Pedra, 04 grutas do sítio Cantinho, 01 oficina lítica do Estreito, e 02 grutas e 01 oficina lítica da Lapa dos Milagres, aos quais, posteriormente, foram associados os sítios da Serrinha da Pedra Preta, a gruta e a oficina lítica da Bocaina, a oficina lítica Nascente do Paranã, e a oficina lítica do rio bisnau, todos no município de Formosa, além das grutas e oficinas líticas da margem direita do rio Preto, a sudoeste do distrito Federal, e das oficinas líticas do Morro Branco, no município de Ponte Alta de Bom Jesus, e do Areião, em Taguatinga, ambas no leste goiano e à direita do rio Paranã, perfazendo um total aproximado de 56 sítios arqueológicos.

Trata-se de uma fase pré-cerâmica, caracterizada por apresentar uma indústria lítica com artefatos plano-convexos, de dimensões médias e pequenas, elaborados sobre formas criptocristalinas de sílica (sílex, jaspe, calcedônia), arenito silicificado e quartzo. As formas não são bem definidas, com apenas as zonas úteis apresentando certa constância de atributos, muito embora ocorram paralelamente tipos bem definidos. São frequentes os furadores, pontas plano-convexas, bicos, buris, facas, talhadores, raspadores, lesmas, ferramentas denticuladas, plainas e quebra-coquinhos, além de artefatos complexos ou polivalentes como furadores-raspadores, plainas-raspadores, facas com pontas e raspadores com pontas. A técnica de manufatura aparentemente, foi a de espatifamento das massas iniciais, e a elaboração posterior dos artefatos, por percussão direta. A presença, rara, de retoques delicados e regulares levou à suposição de que a técnica de retoque por pressão possa ter sido empregada, conquanto não se tenha recuperado retocadores de chifre ou artefatos equivalentes. O fato que diferencia esta in-

dústria de todas as outras descritas para Goiás, no entanto, é a presença de numerosos micro-artefatos e micro-lascas, elaboradas a partir de pequenos cristais de quartzo, destacando-se pequenas facas, raspadores unciformes, pontas e furadores triédricos, todos obtidos pela percussão direta sobre as arestas dos cristais.

Associada aos artefatos líticos, está presente uma indústria querato-ósteo-odonto-malacológica bastante desenvolvida, ainda que pouco numerosa, também de pequenas dimensões, destacando-se pontas, sovelas e furadores sobre ossos longos, pequenos discos elípticos ou circulares elaborados sobre conchas de moluscos 'dulciaquícolas e conchas de gastrópodes (*Megalobulimus* sp.) com perfurações laterais.

As paredes e tetos de pelo menos 10 grutas, além da área externa de algumas, e os abrigos-sob-rocha que constituem como que seus prolongamentos naturais, apresentam pinturas em vários tons de vermelho e em negro, monocromáticas, muito raramente bicromáticas, com motivos abstratos, geométricos, e naturalistas esquemáticos, destacando-se círculos, pontos, retas, grades, mãos espalmadas, plantas dos pés, pequenas figuras batraquiiformes, de aves e antropomorfas. Parece afastada a possibilidade destas figuras não se relacionarem à indústria lítica em questão. Vários tipos de matérias corantes foram recuperados nos mesmos níveis, em associação íntima com os artefatos, muitos dos quais apresentam vestígios de tinta, em um contexto do qual está totalmente excluída a cerâmica. Registrou-se, também, a presença de bastões moldados de óxido de ferro preparados para uso na elaboração das pinturas.

Restos faunísticos e de vegetais foram recuperados tanto nas grutas como nos abrigos. A partir dos dentes e ossos, foram identificados macacos, porco do mato e veado. Quanto às conchas, com exceção das de *Diplodon* sp, um molusco de água doce, são todas de gastrópodes terrestres, *Megalobulimus oblongus*, *Drymaeus sonzaloperi*, *Ciclodontina* sp, *Anostoma* (*anostoma*) *depressa* e *Saloropris* sp, que ainda hoje ocorrem na área. Numerosos restos vegetais foram recuperados em todos os níveis, predominando na superfície. São sementes e coquinhos das palmeiras da região, espigas e resina, muito difíceis de serem atribuídos unicamente à atividade de coleta, pois em sua maior parte apresentam-se roídos por animais. Admitiu-se como testemunho de atividade humana apenas os restos que se apresentassem quebrados ou queimados, tendo-se

identificado 5 espécies diferentes.

Um único sepultamento foi recuperado até o momento. O corpo foi depositado em cova rasa, elíptica, a pouca profundidade, sob blocos de calcário. O corpo fora depositado distendido, com os braços dispostos lateralmente, e em associação foi encontrado um dente de *Equus* sp, cavalo americano extinto. As características morfológicas deste esqueleto, apesar de bastante danificado pelas condições de jazimento, são semelhantes àquelas descritas para as populações de Lagoa Santa, Minas Gerais.

Aparentemente, tais grupos utilizavam as grutas de modo restrito, talvez apenas para repouso, conquanto as pinturas a pontem para algum tipo de atividade ritual. Os artefatos eram produzidos nas oficinas, sempre próximas às grutas e às fontes de água potável, e os alimentos eram elaborados na área externa dos abrigos. No interior das grutas foram encontrados raras fogueiras, de pequenas dimensões provavelmente destinadas a fornecer calor e luz, visto que não ocorrem restos de alimentos e produtos de debitage nas suas proximidades. No entanto, os artefatos líticos são mais comuns justamente nas proximidades destas fogueiras, ou ao redor de grandes blocos, parecendo evidenciar uma distribuição consistente, ou seja, a sua dispersão não é aleatória. Não foram constatadas mudanças culturais ou tecnológicas entre os vários níveis dos sítios. A variação detectada nos artefatos foi entendida como intrínseca aos tipos e decorrentes das matérias primas empregadas, não sendo suficiente para que se admitisse a existência de fases distintas. Recentes escavações na gruta XI da Lapa da Pedra (1981), no entanto, bem como a aplicação de novos recursos para caracterização cromática das pinturas, o que permitiu diacronizá-las, parece apontar para a existência de um facies mais antigo, com artefatos mais bem elaborados e maiores, e com quase total ausência dos micro-artefatos de quartzo, o qual deve correlacionar-se com as fases Cocal e Paranaíba.

A única datação disponível desta fase, para um nível intermediário da sequência estratigráfica, é de  $4.560 \pm 150$  aP (P. Agostinho apud SIMONSEN, 1975:42).

Quando formalmente descrita, em 1977, a fase Paranaíba permaneceu isolada no contexto, conhecido, da arqueologia brasileira. Em 1978, no entanto, BRYAN e GRUHN divulgaram resultados das escavações que conduziram na Lapa Pequena, em Montes Claros, Minas



Gerais, e JUNQUEIRA descreveu as pinturas e gravações rupestres deste sítio e da Lapa Pintada, situada no mesmo maciço calcáreo, distando, da primeira, cerca de 500 metros. As evidências culturais recuperadas são absolutamente idênticas às descritas na fase Paranã, raspadores, furadores, lesmas, plainas, em formas criptocristalinas de sílica, micro-lâminas e micro-artefatos confeccionados a partir de cristais de quartzo, artefatos querato-osteodonto-malacológicos, e os mesmos gêneros de restos alimentares. As únicas, e pequenas, diferenças, encontram-se nas pinturas rupestres, onde motivos tais como cervídeos, peixes, tatus, lagartos são frequentes, apesar dos motivos geométricos continuarem mais populares, traços verticais, pontos, grades, etc. BRYAN e GRUHN (1978:313) obtiveram 09 datações radiocarbônicas para a Lapa Pequena: 8.240 $\pm$ 160; 7.780 $\pm$ 160; 7.400 $\pm$ 150; 7.530 $\pm$ 120; 7.600 $\pm$ 130; 7.590 $\pm$ 100 e 530 $\pm$ 100 aP, correspondendo esta última, à ocupação cerâmica intrusiva da superfície, e JUNQUEIRA (1978:336) julga que há fortes evidências de que a arte rupestre destas grutas está culturalmente ligado ao complexo arqueológico de Lagoa Santa.

Apesar das diferenças constatadas para a arte rupestre, admitimos atualmente, que as Lapas Pequena e Vermelha devam ser incluídas na fase Paranã, o que expande para território mineiro a área ocupada por esta cultura. Aparentemente ela seria mais antiga em Minas Gerais (8.000-7.000 aP) do que em Goiás (4.500 aP) mas os dados ainda são muito precários para que se possa aceitar tal conclusão. Outras possíveis correlações para esta fase seriam os sítios que estão sendo pesquisados por DIAS JR., no oeste mineiro, na região de Unaí, e os sítios de arte rupestre da chapada Diamantina, Bahia, agrupados por CALDERÓN (1970) na sua Tradição Simbolista, sub-tradição Labiríntica, fases Mucugê e Sincorã, região onde também ocorrem artefatos planos convexos elaborados sobre formas criptocristalinas de sílica, ainda não descritos formalmente. Por outro lado, abstraindo-se presença dos micro-artefatos de quartzo e o talhe menor das peças, a fase Paranã guarda marca da semelhança com a fase Paranaíba, do sudoeste Goiano, opinião compartilhada, também por SCHMITZ (com. pes. 1981).

Assim sendo, admite-se que a fase Paranã representa uma cultura de caçadores-recoletores que habitavam as terras altas do Brasil Central, em torno da divisa atual entre Goiás, Minas Gerais e Bahia entre 8.000 e 4.000 aP, tendo como base de subsistência as fauna e flora dos cerrados e matas de galeria, que ocuparam

grutas e abrigos calcáreos associados à série Bambuí. Conquanto por esta época o clima estivesse se tornando cada vez mais quente e úmido, com a fixação das florestas nas áreas mais baixas, nesta região esta evolução climática foi pouco sentida, tendo ocorrido, mesmo, uma expansão dos cerrados (em detrimento das caatingas), o que permitiu que a fase Paranã, a qual pode ser entendida como uma fase páleo-Índia de caráter epigonal, se mantivesse por mais tempo razoavelmente estável.

Mais ao norte, na área de influência do médio e baixo curso do rio Paranã, ocorre uma modificação morfológica da tipologia lítica, não muito acentuada mas ainda assim perceptível, com o surgimento de artefatos de talhe maior. Os dados disponíveis são muito precários, pois as evidências culturais, recuperadas em 1981, ainda se encontram em análise. Tentativamente, foi definida a fase Terra Ronca, a qual guarda alguma semelhança com a fase Paranaíba descrita por SCHMITZ e BARBOSA (1974, 1981). Estão presentes da mesma forma, lesmas, rapadores, plainas, ferramentas denticuladas, quebra-cocos, facas, e artefatos com função múltipla sobre arenito silicificado, jaspe e calcedônia, além de artefatos sobre osso, não se tendo constatado a presença de pinturas rupestres. Dentre os restos alimentares predominam ossos de veado e tatu, e abundantes restos vegetais, carapaças de moluscos e cascas de ovos. No interior dos abrigos ocorrem grandes fogueiras escavadas, com lentes espessas. Foram recuperados dois sepultamentos, um de adulto, outro de criança. O adulto jazia em decúbito lateral direito, semifletido, em cava rasa, e elíptica, com o tórax e abdômen cercados por um crescente de coquinhos de macaúba, aos quais foi ateado fogo por ocasião do sepultamento, o que provocou queima superficial das falanges da mão.

Considerando-se a permanência temporal de indústrias com predominância de artefatos plano-convexos nas fases Paranaíba, Cocal, Paranã e Terra Ronca, admitimos que estas quatro fases integram a Sub-Tradição Paranaíba, dos planaltos centrais, filiada à Tradição Itaparica. As fases Paranaíba e Cocal representariam o estágio PaleoÍndio desta Sub-Tradição, a fase Paranã seria uma fase de transição, com caráter epigonal, o que se deve à permanência do contexto ecológico em que se insere, e a fase Terra Ronca, representaria o Arcaico Inferior, ainda que, como se disse, os dados sobre esta fase são pouco menos que hipotéticos, não havendo segurança quanto a sua correta inserção cronológica.

## BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, Altair Sales  
 1976 Uma indústria lítica no sudoeste de Goiás. In: Arqueologia de Goiás em 1976, Goiânia, Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia.
- BRYAN, Alan & GRUHN, Ruth  
 1978 Results of a test Excavation at Lapa Pequena, MG, Brazil. Arquivos do Museu de História Natural, UFMG, 3(3).
- CALDERÓN, Valentin  
 1970 Investigações sobre a arte rupestre no planalto da Bahia: as pinturas da Chapada da Diamantina, Universitas, UFBA.
- JUNQUEIRA, Paulo Alvarenga  
 1978 Pinturas e gravações rupestres das Lapas Pequena e Pintada. Arquivos do Museu de História Natural, UFMG, 3(3).
- SCHMITZ, Pedro Ignácio  
 1977 Arqueologia de Goiás, Sequência Cultural e Datações de C-14. Anuário de Divulgação Científica, Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia, 1(3).
- SCHMITZ, Pedro Ignácio  
 1981 Contribuciones a la Prehistoria de Brasil. Pesquisas, série Antropologia, (32).
- SCHMITZ, Pedro Ignácio  
 1982 Arqueologia do Centro-Sul de Goiás, Pesquisas, série Antropologia, (33).
- SIMONSEN, Iluska  
 1975 Alguns sítios arqueológicos de série Bambuí em Goiás. Goiânia, Museu Antropológico da UFGO.
- SIMONSEN, Iluska, et alli  
 1981 Projeto Bacia do Paranã - III: Escavação arqueológica da Gruta do Salitre. Goiânia, Museu Antropológico da UFGO, Rio de Janeiro, Instituto Superior de Cultura Brasileira.
- SOUZA, Alfredo A.C. Mendonça de, et alli  
 1977 Projeto Bacia do Paranã: A Fase Paranã. Goiânia, Museu Antropológico da UFGO.
- SOUZA, Alfredo A.C. Mendonça de, et alli  
 1979 Projeto Bacia do Paranã - II: Petroglifos da Chapada dos Veadeiros. Goiânia, Museu Antropológico da UFGO.

BIBLIOGRAFIA

BARROSA, Altair Sales  
 1976 Uma indústria lítica no sudoeste do Goiás. In: Arqueologia do Goiás em 1976, Goiânia, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia.

BRYAN, Alan & GRUHN, Ruth  
 1978 Results of a test excavation at Lago Pedras, MG, Brazil. Arquivos do Museu de História Natural, UFMG, 3(2): CALDENHÖN, Valentin  
 1970 Investigações sobre a arte rupestre no planalto de Brasília. As pesquisas da Comissão de Dinamização, Universidade, UFGA. JUCUNCTIVA, Paulo Alvinago  
 1978 Pinturas e gravuras rupestres das lagoas Pedras e Piratininga. Arquivos do Museu de História Natural, UFMG, 3(3). SCHMITZ, Pedro Igaci  
 1977 Arqueologia do Goiás, séculos Cultural e Históricas de Goiás. Análise de Divulgação Científica, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, 1(3). SCHMITZ, Pedro Igaci  
 1971 Contribuições à Pré-História do Brasil. Pesquisas, série Antropologia, 3(2). SCHMITZ, Pedro Igaci  
 1972 Arqueologia do Centro-Sul do Goiás. Pesquisas, série Antropologia, 3(3). SIMONSEN, Ilse  
 1976 Alguns sítios arqueológicos do sudeste do Goiás. Bol. Inst. Museu Antropológico da UFGA. SIMONSEN, Ilse, et alii  
 1971 Projeto Bacia do Paraná - III. Escavação arqueológica do Sítio de Salitre, Goiânia, Museu Antropológico da UFGA. Rio de Janeiro, Instituto Superior de Cultura Brasileira. SOUZA, Alfredo A.C. Mendonça de, et alii  
 1977 Projeto Bacia do Paraná - A fase Paraná-Goiânia, Museu Antropológico da UFGA. SOUZA, Alfredo A.C. Mendonça de, et alii  
 1979 Projeto Bacia do Paraná - II. Pesquisas do Cangaço das Veadeiras, Goiânia, Museu Antropológico da UFGA.